Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

–

# Da 'lida bruta' ao 'manejo racional': mediações tecnocientíficas no trabalho com o gado de corte[1]

Graciela Froehlich[2]

***Resumo**:*

*A partir de um treinamento voltado à aplicação de práticas de manejo racional de gado de corte, este artigo reflete sobre as propostas de novas dinâmicas de trabalho com os animais de produção. Eventos como esse combinam sessões motivacionais e de capacitação para os vaqueiros, cujo caráter pedagógico concentra-se na transmissão de conhecimentos científicos sobre bem-estar animal. A articulação teórico-motivacional dessa capacitação manifesta uma perspectiva de transformação no ethos do trabalho rural rumo à profissionalização requerida pela pecuária industrial, fundamentando no comportamento natural dos bovinos — aquele etologicamente definido como próprio para a espécie — as técnicas de manejo compatíveis a esse modelo produtivo.*

## 1. Introdução

[1]Artigo da seção especial CPDA 40 anos.

[2]Doutora em Antropologia Social (PPGAS/UnB)

As reflexões contidas neste artigo têm como ponto de partida um treinamento em manejo racional voltado aos vaqueiros de uma fazenda de produção de gado de corte no estado do Mato Grosso, do qual participei durante minha pesquisa de doutorado. Racional é, nesse contexto, um adjetivo vinculado ao tipo de manejo que renuncia ao uso de métodos violentos na condução dos bovinos e na realização das rotinas de vacinação, cadastramento, embarque e transporte. O manejo racional integra o conceito mais amplo de bem-estar animal, categoria que diz respeito à adoção de medidas que visam reduzir o sofrimento dos animais criados para fins alimentares com mudanças nas estruturas de manejo (como os currais e os estábulos), nos instrumentos para a condução dos animais e nas relações entre os trabalhadores e o gado tanto nas fazendas quanto nos frigoríficos, onde o abate deve se dar por métodos humanitários[3].

A capacitação dos vaqueiros em manejo racional é exigência do protocolo *Rainforest Alliance Certified* (RAC™), adotado pela fazenda Beira Alta[4], no Mato Grosso, na qual realizei a pesquisa de campo. O selo RAC™ é uma certificação socioambiental[5] que congrega normas que

[3]O objetivo dessa modalidade de abate é minimizar a dor e o sofrimento animal, visando uma morte mais rápida e higiênica. A Instrução Normativa nº 03/2000 define o abate humanitário como o "conjunto de diretrizes técnicas e científicas que garantam o bem-estar dos animais desde a recepção até a operação de sangria" (BRASIL, 2000).

[4]Os nomes das fazendas e dos interlocutores mencionados no texto são fictícios.

[5]Sob a rubrica de sustentabilidade, os selos incorporam a "sustentabilidade corporativa", ou seja, a manutenção e o desenvolvimento das propriedades rurais e de suas atividades econômicas. Nesse sentido, as certificações participam do chamado "capitalismo sustentável" ou "verde" (D'ALMEIDA, 2012; SORDI, 2013), caracterizado pela incorporação da crítica ambientalista (e

visam à proteção de ecossistemas e da biodiversidade, aos direitos dos trabalhadores e ao bem-estar dos animais. Por meio dela, a fazenda recebe um percentual sobre a cotação das carcaças[6] e alcança mercados especializados na linha de produtos *premium*, cujo valor é superior à carne *commoditie*.

Em média, as fazendas comercializam anualmente 35 mil animais, a partir de seus 32 mil hectares, e sua produção destina-se ao mercado interno e externo. O confinamento, utilizado na fase final de engorda, tem capacidade para 14 mil animais[7]. Nele, o gado permanece por cerca de 100 dias antes de seu abate e é alimentado à base de rações e suplementos minerais. A manutenção do confinamento requer o cadastramento (que inclui pesagem, vacinação, vermifugação, aplicação de brincos, verificação de dados de notas fiscais no sistema computadorizado) de muitos animais em um curto período de tempo — por vezes, trezentas reses em um dia —, o que confere à atividade um ritmo acelerado. Cerca de 40 funcionários subdividem-se em equipes específicas para cuidados com a infraestrutura, portaria, escritório, cadastramento de animais e rastreabilidade, gerência, manejo e alimentação dos bovinos.

---

animalista) através de mecanismos paliativos e sua readequação em novos produtos disponibilizados no mercado.

[6] Carcaça é o corpo do animal abatido, sem o couro, a cabeça e as vísceras. A carne é fruto do processamento posterior, quando a carcaça é cortada em pedaços menores destinados à alimentação.

[7] O confinamento recebe lotação máxima nos meses de seca, entre junho e novembro. Nesse período de seis meses o confinamento recebe dois ciclos, correspondendo a 28 mil animais/ano. Além do gado confinado, são vendidos animais cuja engorda é realizada totalmente em pastagens.

O gerenciamento e controle rigorosos dos procedimentos na fazenda conferem a ela o caráter de uma “empresa de pecuária”. Na perspectiva da administração, sua preocupação com temas tais como a inovação e a tecnologia a distingue das “fazendas tradicionais” caracterizadas por métodos de gerenciamento do empreendimento e de manejo dos animais considerados arcaicos e de baixa eficiência produtiva. Uma fazenda tradicional de gado de corte, na concepção formulada pela administração da empresa de pecuária, remete a um modelo de produção mais simples, de baixo investimento tecnológico e marcado por relações de trabalho baseadas na confiança e no conhecimento prático e experimental das lidas de gado. Em uma fazenda de caráter empresarial/industrial, o uso de uniforme, o relógio de ponto digital, a dinâmica acelerada das atividades do confinamento e as reuniões periódicas realizadas pelas diferentes equipes, bem como entre elas e a gerência, ou ainda com o setor de recursos humanos, são características que contribuem para reforçar a perspectiva de modernização, alinhada à industrialização, sugerida pelo administrador da empresa.

A certificação adotada pela empresa alinha-se a essa perspectiva na medida em que os produtos por ela chancelados são introduzidos no mercado de alimentos como produtos “diferenciados”, cujo valor agregado advém dos métodos empregados em seu processo produtivo: socialmente responsáveis, ambientalmente sustentáveis e em conformidade com os princípios de bem-estar animal. O treinamento em manejo racional para os trabalhadores é parte das exigências de bem-estar animal do selo RAC™ e enfatiza a necessidade de os trabalhadores terem conhecimento do comportamento natural dos bovinos a fim de

adequarem as práticas de manejo às premissas etológicas da espécie. As capacitações visam igualmente mobilizar os trabalhadores e garantir a sua adesão aos princípios de bem-estar animal.

## 2. Dia de Treinamento

> Na margem de um grande rio estava, um dia, um sapo. Ele precisava chegar à margem oposta. Enquanto se preparava para entrar na água, chegou um escorpião. Também este precisava chegar à outra margem, mas não podia fazê-lo: os escorpiões não sabem nadar. A contragosto viu que o sapo era a única possibilidade de chegar ao outro lado. O escorpião pediu ao sapo para ajudá-lo: Deixa-me subir nas tuas costas e transporta-me até a outra margem. És grande o suficiente e não te cansarás. Mas o sapo, que conhecia o veneno do ferrão do escorpião, respondeu: Nas minhas costas? Estás louco! Tenho medo de teu veneno mortal! E o escorpião: Estás equivocado em temer-me. Eu desejo atravessar o rio. É meu interesse que tu vivas. Com tal raciocínio, o escorpião induziu o sapo a aceitar. Subiu, então, em suas costas. O sapo entrou na água carregando o escorpião e começou a nadar perfeitamente à vontade no seu meio natural. Assim que chegou ao meio do rio, no ponto que era mais forte a corrente e maior o esforço do sapo, o escorpião levantou o rabo e enterrou o ferrão com toda força nas costas do sapo. Enquanto o veneno mortal se difundia em seu corpo, sentindo que a vida se esvaía, o sapo exclamou: Maldito, o que estás fazendo? Não vês que ambos morreremos: eu envenenado e tu afogado! Por que fizeste isso? E o escorpião, já se afogando, diz: Porque eu sou um escorpião e esta é minha natureza.

Com a narração da fábula do sapo e do escorpião foi aberto o “1º Treinamento Operacional e Motivacional” na fazenda Beira Alta (MT). Recentemente, treinamentos como esse têm se expandido e empresas

especializam-se em capacitações em bem-estar animal. É o caso da fazenda-modelo Santa Teresinha, localizada na cidade de Jaboticabal (SP), que, através de uma parceria com a *Food Animal Initiative* (FAI)[8], promove treinamentos, realiza consultorias, oferece *workshops* e mantém parcerias com projetos de pesquisa na área de bem-estar animal. No Paraná, a Fazenda Arca de Noé abriga o Centro Experimental de Manejo Racional e Produtivo (CEM), nascido de um projeto da empresa de equipamentos agropecuários Beckhauser. Esta também é uma fazenda-modelo voltada para a pesquisa e o ensino, que mantém parcerias com sindicatos, pecuaristas e empresas frigoríficas. Igualmente, as indústrias fabricantes de medicamentos veterinários ministram capacitações para os trabalhadores do gado e são voltadas especialmente aos procedimentos de vacinação.

Na fazenda Beira Alta, o treinamento resultou de uma parceria entre a fazenda e a empresa de nutrição animal que fornece o núcleo mineral para o rebanho, e foi ministrado por zootecnistas dessa empresa. O curso foi dividido em duas etapas: pela manhã e no início da tarde, dedicava-se à parte motivacional (para todos os trabalhadores) e ao manejo racional (especialmente para os vaqueiros). À tarde, voltava-se ao treinamento dos funcionários da fábrica de ração e dos tratoristas, focado no aumento da eficiência dos procedimentos e no controle do desperdício de matérias-primas.

No que concerne ao manejo racional, falou-se sobre sua importância para o gado, seus benefícios para os trabalhadores e sua

[8]A FAI tem origem inglesa e possui outra unidade na China. Além da criação de animais para comercialização, realiza cursos e consultorias em bem-estar animal e sustentabilidade ambiental.

vantagem financeira. No que diz respeito aos benefícios aos trabalhadores, as capacitações enfatizam a redução dos acidentes de trabalho decorrente da aplicação de técnicas de manejo racional. O uso de equipamentos de segurança, como as calças de couro dos vaqueiros e as botas de borracha para dias de chuva[9], acompanham as instruções de calma e paciência na execução dos trabalhos. Trata-se de benefício também para os pecuaristas, que evitam assim o afastamento de funcionários em função de lesões. O manual[10] de embarque de bovinos, publicado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), assim aconselha os pecuaristas: "não prolongue a jornada de trabalho para realizar o embarque, quando os trabalhadores estão cansados há queda na qualidade dos serviços e maiores riscos de acidentes" (PARANHOS DA COSTA et al., 2008:11). E mais adiante: "a preparação das instalações resultará em maior agilidade, bem como em menor risco de acidentes para a equipe e para os animais" (idem: 19). Na opinião de pecuaristas que implementaram procedimentos dessa ordem[11], "o manejo do bem-estar animal, torna-se um reflexo para o bem-estar do trabalhador" (PARANHOS DA COSTA et al., 2008: 9). Como aponta Sordi (2013), o sistema-carne está entre os que mais riscos

[9]Tratam-se dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) distribuídos pelo empregador e destinados a proteger os trabalhadores dos riscos a que são expostos em suas atividades laborais. Óculos de proteção, chapéus, luvas, cremes de proteção solar são outros exemplos de EPI utilizados pelos vaqueiros da Fazenda Beira Alta.

[10] Neste trabalho foram utilizados os manuais de forma complementar à narrativa do treinamento. Os exemplares estão disponíveis on-line e vêm sendo amplamente empregados nas capacitações.

[11]O tópico "Opiniões de quem já usa os procedimentos" está presente na série de manuais de boas práticas editado pelo Mapa, e apresenta pequenos relatos de produtores rurais que implementaram medidas de bem-estar animal em suas propriedades.

comportam para os trabalhadores no Brasil, dentre os quais, os ferimentos causados por coices e quedas dos animais nas fazendas, e os cortes e as lesões por esforço repetitivo nos frigoríficos.

Em todas as palestras, os funcionários da fazenda foram acomodados na sala principal do escritório, que ficou lotada. O público em geral era formado por vaqueiros, por tratadores, por funcionários da estrutura, da manutenção e limpeza dos cochos e bebedouros, funcionários da fábrica de ração, além dos técnicos do escritório. Muitos trabalhadores preocupavam-se com os seus afazeres, com possíveis atrasos nas atividades e com os bois que poderiam passar fome e/ou sede em função da reorganização dos horários de vistoria e distribuição de ração. O ambiente semelhante ao de uma sala de aula ou de um escritório não faz parte do cotidiano da maioria desses trabalhadores, e ao final da jornada muitos comentavam que a atenção às palestras e aos vídeos era mais desgastante do que vacinar vários lotes de gado ou dirigir tratores para distribuir ração ao gado. A experiência dos cursos é qualificada positivamente pelos vaqueiros como uma oportunidade de aprendizado e reflexão conjunta entre as diferentes equipes de trabalho da fazenda sobre as práticas de manejo dos bovinos.

As sessões motivacionais e de manejo racional foram ministradas por Egídio, zootecnista especializado em comportamento animal e manejo racional. Ele lançou mão da fábula supracitada para enfatizar uma ideia de natureza humana em analogia à natureza do escorpião, como narrada no texto. Sua exposição insinuava que a “natureza do brasileiro” tendia à preguiça e à resistência às mudanças, em uma clara alusão ao mito das três raças na composição do povo brasileiro. Dizia que, ao menos, essa é a imagem que “o povo brasileiro tem lá fora”, em

contraste aos países que ele adota como modelo na Europa e, em especial, os Estados Unidos[12]. Apesar de sugerir a indolência do povo brasileiro, complementava seu raciocínio argumentando que éramos capazes de mudar, de inovar e de mostrar que somos um povo trabalhador.

A inovação no caso das fazendas de criação de gado de corte acontece através do processo de marcada industrialização. No diagnóstico de Egídio, o problema de grande parte das fazendas brasileiras está no fato de que suas práticas de trabalho baseiam-se mais nas *pessoas* que o realizam do que nos *processos* que originam o seu produto. Para sanar tal deficiência, as fazendas de gado de corte deveriam seguir o exemplo da indústria de automóveis e de computadores: apesar de mudarem as pessoas que executam as tarefas, o produto final permaneceria o mesmo, argumentou Egídio. Esse é o sistema e a filosofia a serem empreendidos pelas fazendas, tal qual era celebrado em seus cursos.

Barbalho (2007), zootecnista com pesquisas em bem-estar animal nos frigoríficos, ao refletir sobre o treinamento de trabalhadores da indústria da carne em manejo racional, argumenta que a capacitação dos funcionários deve investir no conhecimento sobre os animais, mas também na "formação de pessoas, que envolve mudanças de conceitos e atitudes em relação aos animais, e que exige recursos motivadores" (BARBALHO, 2007: 8). Os pesquisadores afirmam que avanços em

[12]Outra comparação feita por Egídio entre o Brasil e os Estados Unidos versou sobre a imagem que teria o caubói lá e o vaqueiro aqui. Enquanto o caubói ostenta com orgulho sinais distintivos de sua profissão, como as botas, as roupas de couro e o chapéu, no Brasil ele é representado em personagens como o Jeca-Tatu e o Mazaropi, em tons pejorativos e/ou jocosos.

pesquisa genética, que criam animais mais precoces e provedores de uma carne mais macia, precisam andar lado a lado com um tratamento positivo dos animais: "observa-se que não basta ter a melhor genética, a alta produtividade, a nutrição equilibrada e de boa qualidade, se o manejo com os animais está sendo incorreto" (OLIVEIRA et al. 2008:292). Para os autores do manual de abate humanitário de bovinos, utilizado nos treinamentos nos frigoríficos e publicado pela ONG *World Society for the Protection of Animals* (WSPA) [13], capacitar os trabalhadores da indústria da carne é o fator de maior impacto sobre o bem-estar animal e a qualidade da carne, pois técnicas inadequadas resultam em carcaças repletas de hematomas e, em casos-limite, impróprias para o consumo (LUDTKE et al. 2012).

O que se pretende com abordagens como essa não é apenas uma mudança nas práticas cotidianas de trabalho, mas uma forma mais profunda de mudança no próprio ethos do trabalho rural. A tese de Joana Medrado, "Do Pastoreio à Pecuária: a invenção da modernização rural nos sertões do Brasil central", busca compreender como se deu o processo de industrialização da pecuária no Brasil e como um discurso de "modernização" é articulado no seio dessas transformações. De acordo com a autora, "desde o século XVIII se deu o processo sistemático de expropriação dos conhecimentos práticos sobre a lide rural, dos saberes tradicionais, em prol da imposição de um saber científico cujo controle era dos homens doutos e/ou do Estado" (MEDRADO, 2013:4). Esse saber científico, por meio das iniciativas de bem-estar animal, alcança agora uma fronteira pouco explorada: aquela das relações entre

[13] A ONG denomina-se atualmente *World Animal Protection*.

humanos e animais implicadas no termo manejo. Se a nutrição e a reprodução dos bovinos já foram amplamente transformadas pelo saber científico e pela industrialização da pecuária, com as medidas de bem-estar animal são as atitudes humanas em relação ao gado que se tornam objeto de análise e também de mudança.

O palestrante deu continuidade a sua fala dizendo que todos ali trabalham “produzindo carne: nossa moeda é essa”. Dizia que se “o boi for bem, nós [os funcionários] também iremos”. Mas o que seria preciso para o boi ir bem? Segundo ele, o boi vai mal porque “nós” o conhecemos mal. Esse desconhecimento geral foi o mote de sua palestra sobre conhecer o boi e o seu comportamento natural, aquele definido etologicamente como próprio para a espécie, estabelecido em bases científicas.

## 3. Conhecendo o boi

O conteúdo teórico e programático das capacitações é forjado a partir de considerações científicas sobre o bem-estar animal. A chamada ciência do bem-estar animal surge nos anos 1960 num contexto de aprofundamento dos questionamentos acerca da produção animal e dos métodos nela empregados. De acordo com Fraser (2012), zoólogo que desenvolve pesquisas em bem-estar animal e ética, na Universidade da Colúmbia Britânica, a publicação de obras tais como *Máquinas animais*, por Ruth Harrison, nos anos 1960, e, na década de 1970, de livros como *Matar os animais, envenenar a terra*, de Jack Olsen (sobre o extermínio de animais selvagens na América), *A chacina do inocente*, de Hans Ruesh (sobre o uso de animais em pesquisa) e *Libertação animal*, de

Peter Singer, acentuou o debate público acerca das condições em que viviam os animais criados para fins alimentares. A criação do Comitê Brambell, pelo governo britânico, em 1965, e as pesquisas desenvolvidas por ele constituem o marco fundador da Ciência do Bem-estar animal (PAIXÃO, 2005; FRASER, 2012). A Ciência do Bem-estar animal constitui um esforço multidisciplinar — de ciências como etologia, veterinária e zootecnia — para desenvolver tecnologias e promover práticas que atendam às necessidades básicas dos animais de *produção*, que se diferenciam dos animais de *criação* pela escala, pelos métodos intensivos empregados e pela racionalidade econômica prevalecente[14].

Os pesquisadores em bem-estar animal não negam a natureza assimétrica das relações entre humanos e animais no contexto da pecuária e da criação de animais para o consumo humano. Como escreveu Paul Hemsworth, etólogo na Faculdade de Veterinária e Ciências Agrárias da Universidade de Melbourne e diretor do *Animal Welfare Science Center*, ligado à mesma instituição, "as relações entre os humanos e os animais domésticos são inevitavelmente desiguais, envolvendo a administração e o controle humano sobre os animais" (2007:194)[15]. No título da obra de John Webster, *Limping Towards Eden*: a practical approach to redressing the problem of our dominion over the animals (2005), o paradigma do domínio está igualmente explicitado, pois ele não é em si o objeto das críticas e dos estudos da ciência do bem-

[14] A respeito dessa diferença, Porcher (2004: 36) afirma que "entre criação de animais e 'produção animal', o trabalho da pecuária foi quase reduzido exclusivamente a sua racionalidade econômica".

[15] Tradução própria. No original: *human-domestic animal relationships are inevitably unequal, involving human management and control of animals* (Hemsworth, 2007: 194).

estar animal, mas sim suas formas cruéis e violentas de exercício. A mudança almejada pelos defensores das medidas de bem-estar animal está no exercício desse controle: a força e a violência devem dar lugar a práticas não agressivas de manejo com o gado.

O manejo ideal, de acordo com os princípios de bem-estar animal, deve utilizar a natureza dos animais em favor das expectativas humanas: “não se deve forçar o animal a fazer algo contra a sua natureza, mas induzi-lo a fazer o que queremos, tornando o manejo mais seguro e eficiente” (CLIMENI et al. 2008: 3). “O gado sabe e quer fazer o queremos”, afirma Steve Cote em *Stockmanship*: A Powerful Tool for Grazing Lands Management (COTE, 2004: 4 apud GRANDIN & JOHNSON, 2010:157). O conhecimento da “natureza do boi” deve facilitar a realização dos procedimentos de manejo, e foi essa a abordagem utilizada pelo zootecnista Egídio no decorrer da capacitação.

Primeiramente, Egídio sugere que os vaqueiros precisam ter em mente que na natureza o boi é uma presa. Graças a essa condição, ao avistar ou sentir o cheiro de um predador a reação típica dos bois será fugir. Seus predadores variam conforme o seu hábitat, e podem ser a onça, o tigre, mas também o ser humano. O palestrante resume que ao verem os homens, os bois pensariam da seguinte forma: “ou eu fico esperto ou viro bife!”. E quanto mais ameaçadora for a abordagem do predador, mais arisca será a reação de fuga dos animais.

Em função disso, os vaqueiros são instruídos a aproximar-se de forma calma do rebanho, evitando os movimentos bruscos, os gritos agudos e os assobios estridentes. O Manual de Boas Práticas de

Vacinação assim orienta: “a condução dos animais até o curral[16] deve sempre ser realizada com calma, sem correrias ou gritos, deslocando os animais de preferência ao passo” (PARANHOS DA COSTA et al., 2013:22).

Conforme o palestrante, os cães também podem ser percebidos pelos bois como seus predadores, sendo seus latidos e mordidas uma fonte de estresse ao rebanho. Sua presença nas áreas de confinamento e, sobretudo, no espaço do curral é considerada ainda mais danosa, porque ali os bois não têm para onde fugir. Percebidos como predadores e fontes de estresse para o gado, os cães — em outros contextos[17], parceiros de trabalho dos vaqueiros nas lidas de pastoreio — foram proibidos na fazenda como exigência do protocolo de bem-estar animal. Importa ressaltar que, embora não haja cães pastores ou caçadores na propriedade, os cães vivem ali como *pets*: dentro das casas dos gerentes, com tratamentos de banho e tosa em *pet shops* do centro da cidade. Esses cães de estimação são alimentados com ração balanceada e levados para passear e brincar no campo de futebol da propriedade.

Mas esses *pets* não se aproximam do confinamento. Neste ambiente, espera-se dos bovinos um comportamento calmo e devem ser evitadas as perturbações. Isso significa que quando os bois não estiverem se alimentando de ração nos cochos ou bebendo água, devem permanecer deitados, ruminando e descansando, ensinou o zootecnista.

[16] O curral, também chamado de mangueira, é o espaço no qual o gado é trabalhado, onde são feitas as vacinas, colocados os brincos de manejo e feitas as marcações com ferro quente.
[17] Como demonstram os trabalhos desenvolvidos por Lima (2015) e Rieth, Lima & Barreto (2016) na região do Pampa Gaúcho.

Poderiam ainda estar em pé, desde que não lambendo cochos vazios ou mugindo ao lado destes cochos, comportamento que caracteriza os animais com fome. O cocho cheio de ração e a boiada deitada torna-se outro problema: o desperdício de alimento e de dinheiro. Neste caso, teria sido depositada ração em excesso que não será consumida pelos animais, pois ela perde o sabor ao ficar exposta ao sol e a chuva, e acaba por estragar.

Outra destacada característica do gado bovino é a sua rusticidade. São animais grandes, pesados e brutos, porém, extremamente adaptáveis[18]. A sua agressividade varia de acordo com o manejo que lhe é feito, pois o gado tem uma considerável capacidade de memorizar relações. Egídio traduz essa memória em termos de lembranças de conforto e desconforto. A passagem pelo curral pode ser um destes eventos traumáticos, pois as marcações a ferro quente, as injeções e a aplicação dos brincos de manejo causam dores nos animais. Contudo, práticas como a castração, os procedimentos de manejo reprodutivo, a marcação a ferro quente, a descorna e o próprio confinamento são consideradas inevitáveis e não estão incluídas no conceito de agressividade adotado. Nesse sentido, são criadas determinadas “áreas de exceção” para o bem-estar dos animais, que correspondem justamente aos procedimentos considerados vitais para a atividade produtiva.

[18]Os búfalos da região do Baixo Araguari (TO) são caracterizados por seus vaqueiros como animais fortes, rústicos e brutos (PIRES, 2015) e, em função disso, requerem uma lida igualmente bruta. Nesse contexto, a “brutidade” é considerada pelo autor como o princípio para organizar a relação entre vaqueiros e seus búfalos.

O que pode ser evitado é o uso excessivo de força física[19] na condução desses animais pelos corredores do curral, sem deixar de levar em conta também a aplicação correta das vacinas e dos brincos de manejo. Assim, se quando ainda bezerro, ou seja, desde o nascimento até a desmama, suas primeiras passagens forem marcadas pelo desconforto, quando adulto, o indivíduo evitará futuras incursões pelo curral. Do contrário, se elas forem mais confortáveis, as seguintes não serão marcadas pelo medo e pela esquiva.

Com o objetivo de tornar os deslocamentos no curral menos traumáticos, o choque e o aguilhão, ferramentas de uso frequente na condução dos animais e muito comuns na pecuária de corte brasileira, foram substituídos pelas “bandeiras de manejo”. O choque, como o nome sugere, consiste em uma haste que desfere uma descarga elétrica em sua extremidade ao ser pressionada contra o corpo dos animais. Com o choque, os bois são forçados a andar na direção desejada por aquele que usa a ferramenta. O aguilhão, por sua vez, utiliza uma extremidade pontiaguda que espeta o corpo do animal com o mesmo objetivo, forçar a movimentação do gado. As bandeiras de manejo, ou “bandeirinhas”, como são chamadas pelos vaqueiros, são as ferramentas de manejo racional mais disseminadas entre as fazendas, e grande parte dos treinamentos[20] consiste na apresentação de suas técnicas de manuseio.

[19]A violência de que falava o professor aumenta o estresse e o nervosismo dos animais. Através das fezes e da urina — liberadas nesses momentos de tensão —, os bois avisam uns aos outros de que algo está errado, o que geralmente provoca resistência nos demais companheiros de lote.

[20]Em um treinamento em bem-estar animal, do qual participei na fazenda-modelo Santa Teresinha, mencionada anteriormente, a parte prática foi dedicada inteiramente ao uso das bandeiras de manejo.

O uso das bandeirinhas visa, para além de um manejo não agressivo do gado, dar mais segurança aos vaqueiros. Elas funcionam como uma extensão do corpo dos vaqueiros que, por meio das bandeiras, podem manter maior distância dos animais, dispondo de uma área mais ampla para a realização dos movimentos (PARANHOS DA COSTA et al., 2008). Quando balançadas próximas aos bois na região de suas patas dianteiras e na altura da cabeça, eles andam para a frente. Quando o pano é estendido em frente aos olhos do animal, o objetivo é fazer com que ele interrompa a sua caminhada. O cabo dessas bandeiras tem diferentes tamanhos, que variam conforme o ambiente em que os animais serão manejados: são mais curtos para o curral e mais longos para o manejo nos piquetes[21] de confinamento e nas pastagens.

A forma ideal de manejar as bandeirinhas e o posicionamento do vaqueiro relacionam-se à chamada “zona de fuga”, definida como “a distância mínima que o animal permite a aproximação de humanos antes de iniciar o deslocamento (fuga)” (PARANHOS DA COSTA & ROSA, 2009). Essa distância varia conforme a raça dos animais, o ambiente em que eles se encontram, as memórias que eles possuem e a forma de abordagem utilizada na aproximação. Quando um bovino está estressado, por exemplo, sua zona de fuga é maior, ou seja, maior será a distância que ele preservará dos humanos (ou de outros animais). Um animal calmo permite uma aproximação maior (ou seja, sua zona de fuga é menor). Para os vaqueiros, é aconselhado caminhar dentro da zona de fuga para fazer o animal andar, e fora dela quando o desejo é fazê-lo parar (LUDKTE et al, 2012).

[21]Piquete é a denominação que recebe uma área de dimensão variável cercada para a manutenção e alimentação do gado de corte.

Já nos encaminhamentos de sua fala, o zootecnista chamou a atenção para duas situações críticas presentes no confinamento: os chamados “refugos de cocho” e a sodomia. Ambos os casos manifestam-se com mais frequência na transição que leva os bois do pasto ao confinamento, momento delicado em que os animais encontram-se em um novo ambiente — as pastagens deram lugar a um piquete de terra batida — e sob novo regime alimentar — o pasto foi substituído por ração. Os refugos de cocho são os bois que se recusam a se alimentar da ração oferecida em confinamento. São reconhecidos por seu comportamento solitário, pois permanecem nos fundos do piquete e pouco se aproximam dos cochos onde a ração é distribuída. Os refugos de cocho são retirados do confinamento e encaminhados para pastagens de apoio que se localizam nas proximidades. Para eles, além de capim, é ofertada a ração, e na medida em que passam a se alimentar dela estão aptos a retornar ao confinamento. Esses animais que resistem à nova dieta alimentar representam um problema para a fazenda porque deixam de ganhar peso, podendo inclusive adoecer, o que acarreta, irremediavelmente, prejuízos financeiros.

A sodomia caracteriza-se pela “monta entre machos que ocorre com frequência quando animais jovens ou adultos são mantidos juntos em grupos homossexuais” (BROOM & FRASER, 2010 apud SILVA, 2013:12). Tal comportamento é considerado anormal, por não ter finalidades reprodutivas, no entender dos autores. A literatura científica relaciona entre as causas para a sodomia o desequilíbrio da hierarquia estabelecida nos lotes pela introdução de um ou mais animais estrangeiros e a alta carga hormonal que esses animais possuem que, ao ser liberada na forma de feromônios, atrai outros indivíduos (SOUZA,

2002; SILVA, 2013). A sodomia é mais frequente entre machos não castrados[22], mas pode ocorrer em animais cuja castração foi realizada tardiamente ou de forma incompleta (SILVA, 2013). O comportamento considerado normal para o animal sodomizado é a fuga, mas alguns indivíduos, chamados de sodomizados, não resistem à monta dos outros. Em confinamento, esse problema é agravado, porque os animais dispõem de um espaço muito restrito para a fuga quando comparado às áreas de pastagem. A sodomia pode ser o resultado da disputa pelo comando hierárquico do lote e, em casos graves, o boi sodomizado pode falecer. Os animais dominantes podem apresentar lesões nos cascos em função da pressão do seu peso que causam, enfim, diminuição no consumo de alimentos, redução do ganho de peso, comprometimento da saúde do animal e despesas com o seu tratamento (MALAFAIA et al., 2011), consequências também percebidas no caso dos animais sodomizados.

Na Fazenda Beira Alta, que não realiza a castração dos bovinos, o controle da sodomia se dá pelo emprego de medicamentos homeopáticos misturados à ração e pela da retirada de animais sodomizados dos seus respectivos lotes. No bionúcleo homeopático são encontrados ingredientes como a testosterona homeopatizada, que visa equilibrar os hormônios sexuais do macho, e elementos calmantes, como a camomila. O uso de homeopatia para a redução dos casos de sodomia não é unanimidade, e apesar de trabalhos científicos (SILVA, 2013) apontarem para a efetividade do tratamento, ele não é consenso entre os cientistas e tampouco entre os criadores e funcionários das fazendas.

[22]A castração é um procedimento cirúrgico ou químico que visa suprimir a capacidade reprodutiva dos animais.

Muitos consideram o gasto com os produtos desnecessário, pois não veem um resultado efetivo com sua administração. A situação pontuada pela sodomia representa uma oportunidade para pensarmos em como o conceito de natureza é operado em matéria de bem-estar animal. A natureza dos bovinos é caracterizada pela heterossexualidade e pela composição de grupos com uma hierarquia social bem definida. O comportamento homossexual, por não apresentar uma finalidade reprodutiva, é considerado um distúrbio dessa natureza, a ser manejado pela exclusão dos indivíduos do seu lote de origem e pela administração de medicamentos homeopáticos. Naturalizar a sodomia implicaria naturalizar um comportamento causador de lesões, perda de peso e consequentemente de produtividade. Como um comportamento desviante, ele pode ser manejado para que dê forma à saúde do rebanho e rendimento da atividade produtiva.

Ao final de sua palestra, Egídio demonstrou que “a falta de conhecimento tem custos, e são altos”. Projetando na parede fotografias de bois no frigorífico, já transformados em carcaças, comentou ao apontar um hematoma: “ó, um pedaço de bife indo embora!”. Em função das pancadas sofridas durante o embarque dos bois no caminhão, rumo ao frigorífico, uma média de 400 gramas de carne é perdida por hematoma. Em termos financeiros, isso representaria, em um conjunto de 10 mil cabeças, o equivalente a R$ 36 mil reais. O descuido com a regularidade do horário da distribuição de ração nos cochos tem, igualmente, um impacto monetário. Se os animais deixam de ganhar 50 gramas por dia, esse impacto pode chegar a R$ 141 mil na venda de um lote de 5 mil cabeças ao frigorífico. Os hematomas e os ferimentos são porções extraídas das carcaças dos animais e descontadas do peso final

pelo qual os pecuaristas são remunerados. Sob esse aspecto, estar atento ao bem-estar animal significa preservar a integridade das carcaças e a lucratividade das empresas. Segundo Paranhos da Costa (2005), zootecnista especialista em bem-estar animal, “o conhecimento e o respeito aos animais melhora o seu bem-estar, propiciando, consequentemente, melhores resultados econômicos, quer pelo aumento da eficiência do sistema de criação, quer pela obtenção de produtos de melhor qualidade” (PARANHOS DA COSTA, 2005: 33).

## 4. Considerações finais

Os treinamentos voltados aos trabalhadores das fazendas enfatizam a necessidade de “se conhecer o boi para melhor trabalhar com ele”. Esse conhecimento, entretanto, não é aquele oriundo das lidas cotidianas com o gado. São os estudos de etologia, veterinária e zootecnia que definem os comportamentos do gado, e são eles que devem embasar o manejo dos bovinos. Pulz (2013), doutor em Ciências Veterinárias, dedicado aos estudos sobre bem-estar animal, e professor na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/RS), salienta que a ciência do bem-estar animal tem como objetivo conhecer as necessidades das diferentes espécies animais e avaliar suas condições de vida nas distintas situações em que são submetidos pelos humanos. Segundo o autor, na ciência do bem-estar animal “a premissa básica é o convívio com respeito e a exploração racional da vida animal, como forma de bem-estar, educação e evolução da própria humanidade” (PULZ, 2013: 76). A ciência do bem-estar é acompanhada de um discurso “progressista” e humanamente onipotente, no qual a violência seria a

marca de uma sociedade “não evoluída”. A violência em relação aos animais parece agora incompatível com o projeto civilizador que a domesticação representa[23]. Em uma sociedade “moderna e civilizada”, a exploração dos animais deve se dar por métodos racionais, tendo em vista que eles, apesar de serem ao final uma mercadoria, são em vida seres sencientes. O qualificativo racional busca, outrossim, suavizar e de fato ocupar o lugar do substantivo “exploração” ao qual faz referência, tornando-se o valor a ser transmitido aos consumidores de carne.

Percebe-se assim uma associação estreita entre os imperativos de manejo racional e a industrialização da pecuária. Lidar com o gado de forma “racional” torna-se o modelo de manejo compatível com uma bovinocultura moderna, característica de empresas de pecuária. O respeito ao bem-estar dos animais de produção é abordado como um aliado dos produtores e não como um empecilho às suas atividades produtivas, ao passo que o conhecimento etológico é ressignificado em função de suas capacidades econômicas orientadas para a indústria. Além disso, beneficia os trabalhadores, reduzindo os acidentes de trabalho e tornando as rotinas de manejo menos cansativas e desgastantes.

Thomas (2010), ao examinar o surgimento das primeiras legislações contra a crueldade aos animais em fins do século XVIII e começo do XIX, observa que grande parte da preocupação com os animais deriva da percepção de que “os animais eram como os empregados: respondiam melhor a um tratamento razoável” (THOMAS,

[23] Conforme Wilkie (2010), o advento da agricultura e da pecuária marca a emergência da civilização, constituindo seu símbolo.

2010: 269). A ideia de que "um trabalhador [humano] saudável e feliz é um trabalhador produtivo" (FRASER, 2012: 96-97) parece agora transposta definitivamente aos animais. Animais e humanos trabalham sob um sistema que exige o máximo de produtividade e eficiência de seus corpos: em melhores condições de trabalho podem produzir melhor. Embora o sistema produtivo industrial esteja na origem da maior parte dos problemas sobre os quais a ciência do bem-estar animal se debruça (e que os treinamentos em manejo racional buscam corrigir), ele não é questionado como uma fonte primeira do "mal-estar" humano e animal. Mais do que uma ruptura, trata-se de reformar, por meio de medidas pontuais, os métodos empregados na bovinocultura de corte.

## Referências Bibliográficas

BARBALHO, Patrícia Cruz. (2007). **Avaliação de programas de treinamento em manejo racional de bovinos em frigoríficos para melhoria do bem-estar animal**. 70f. Dissertação. (Mestrado em Zootecnia). Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", Jaboticabal.

CLIMENI, Bruno Santi Orsi; MONTEIRO, Marcos Vilkas; SAMARONI, Mayco; PICCININ. Adriana. (2008). Interpretação da linguagem dos animais para manutenção do bem-estar animal. **Revista Eletrônica de Medicina Veterinária**. (10-1): s/p.

D'ALMEIDA, Carolina Ana. (2012). Exploração ecologicamente correta?! Reflexões sobre as políticas bem estaristas do capitalismo verde. In: **III Encontro Internacional de Ciências Sociais – Crise e Emergência de Novas Dinâmicas Sociais. Pelotas: II Encontro Internacional de Ciências Sociais – As Ciências Sociais e os Desafios do séc. XXI**. Pelotas: Ed. Universitária UFPel, v. 3.

FRASER, David. (2012). **Compreendendo o bem-estar animal:** a ciência no seu contexto cultural. Londrina: Eduel.

GRANDIN, Temple e JOHNSON, Catherine. (2010). **O bem-estar dos animais**. Proposta de uma vida melhor para todos os bichos. Rio de Janeiro: Rocco.

HEMSWORTH, Paul. (2007). Ethical Stockmanship. **Australian Veterinary Journal**. 85 (5): p. 194-200.

LIMA, Daniel Vaz. (2015) **Cada doma é um livro**: a relação entre humanos e cavalos no Pampa Sul-rio-grandense. 153f. Dissertação. Mestrado em Antropologia. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

LUDTKE, Charli Beatriz.; CIOCCA, José Rodolfo Panim; DANDIN, Tatiane; BARBALHO, Patrícia Cruz; VILELA, Juliana Andrade; FERRARRINI, Carla. (2012). **Abate humanitário de bovinos**. Rio de Janeiro: WSPA.

MALAFAIA, Pedro; BARBOSA, José Diomedes; TOKARNIA, Carlos Hubinger; OLIVEIRA, Carlos Magno Chaves. (2011). Distúrbios comportamentais em ruminantes não associados a doenças: origem, significado e importância. **PesquisaVeterinária Brasileira** 31(9): p. 781-790.

MEDRADO, Joana. (2013). **Do pastoreio à pecuária**. A invenção da modernização rural nos sertões do Brasil Central. 255f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

OLIVEIRA, Carolina Balbé de; De BORTOLI, Elísio Camargo; BARCELLOS, Júlio Otávio Jardim (2008). Diferenciação por qualidade da carne bovina: a ótica do bem-estar animal. **Ciência Rural**, Santa Maria, RS, v. 38, n. 7, p. 2092-96.

PAIXÃO, Rita Leal. (2005). É possível garantir bem-estar aos animais de produção? **Revista CFMV**. 36: p. 66-73.

PARANHOS DA COSTA, Mateus José Rodrigues; SPIRONELLI, Ana Lúcia Garcia; QUINTILIANO, Murilo Henrique (2008). **Boas Práticas de Manejo:** Embarque. Brasília: Mapa.

PARANHOS DA COSTA, Mateus José Rodrigues; TOLEDO, Luciandra Macedo de; SCHMIDEK, Anita. (2013). **Boas práticas de manejo:** Vacinação. Brasília: MAPA.

PARANHOS DA COSTA, Mateus José Rodrigues. (2005). Relação entre manejo racional e bem-estar bovino. *Revista Visão Agrícola*. N. 3. p. 32-33.

COSTA, Mateus José Rodrigues Paranhos; ROSA, Marcelo Simão da. (2009). **Contribuição dos estudos de comportamentode bovinos leiteiros para melhorar o bem-estar nas fazendas**. Disponível em: <http://www.infobibos.com/Artigos/2009_3/comportamento/index.htm>. Acesso em 15 out. 2016.

PIRES, Pedro Stoeckli. (2015). **Laços brutos:** vaqueiros e búfalos no baixo Araguari – Amapá. 362f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, Brasília.

PORCHER, Jocelyne. (2004). Você liga demais para os sentimentos Bem-estar animal, repressão da afetividade, sofrimento dos pecuaristas. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 35-44.

RIETH, Flávia Maria Silva; LIMA, Daniel Vaz & BARRETO, Eric. (2016). ‘Lida brabíssima’: a cultura da caça como constituidora da relação entre humanos e animais na pecuária extensiva no Pampa brasileiro. **Revista Teoria e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 81-91.

SILVA, Ana Gabriela Francisco da. (2013). **Uso da homeopatia para controle da sodomia em machos bovinos mestiços inteiros sob confinamento**. 32f. (Dissertação) Mestrado em Ciências Animais, Departamento de Ciências Animais. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

SORDI, Caetano. (2013). **De carcaças e máquinas de quatro estômagos**. Estudo de controvérsias sobre o consumo e a produção de carne no Brasil. 151f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SOUZA, Mônica Filomena Assis de. (2002). **Homeopatia veterinária**. Trabalho apresentado na I Conferência Virtual Global sobre Produção Orgânica de Bovinos de Corte. Disponível em: http://www.cpap.embrapa.br/agencia/congressovirtual/pdf/portugues/02pt02.pdf. Acesso em 15 out. 2016.

THOMAS, Keith. (2010). **O Homem e o Mundo Natural**. São Paulo: Companhia das Letras.

WEBSTER, John. (2005). **Animal Welfare:** limping towards Eden. Oxford: Blackwell Publishing.

WILKIE, Rohda. (2010). **Livestock/Deadstock:** working with farm animals from birth to slaughter. Filadélfia: Temple University Press.